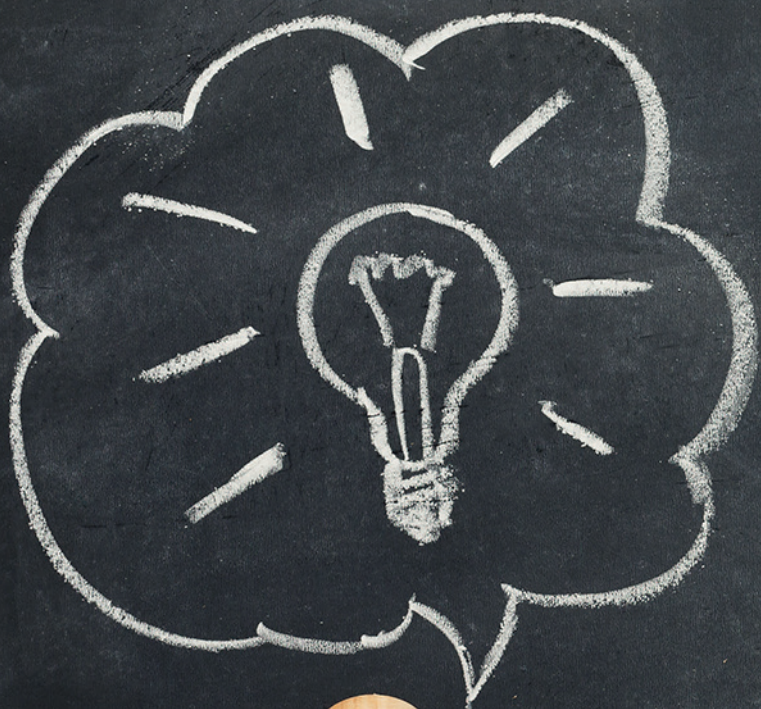


# Qualidade e Políticas Públicas na Educação 2

Marcia Aparecida Alferes  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora  
Ano 2018



**Marcia Aparecida Alferes**

(Organizadora)

**Qualidade e Políticas Públicas  
na Educação  
2**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Q1 Qualidade e políticas públicas na educação 2 / Organizadora Marcia Aparecida Alferes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Qualidade e Políticas Públicas na Educação; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-97-0

DOI 10.22533/at.ed.970181912

1. Avaliação educacional. 2. Educação e estado. 3. Escolas públicas – Organização e administração. 4. Professores – Formação. I. Alferes, Marcia Aparecida. II. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## **APRESENTAÇÃO**

O volume 2 da obra “Qualidade e Política Pública na Educação” aborda uma série de capítulos sobre Políticas Públicas para a Educação.

As políticas públicas são um conjunto de opções coletivamente que se destacam na sociedade, que se associam a decisões adotadas pelos governantes e implementadas pelos Estados. Deste modo, podemos compreender que o Estado é o ente que faz, executa e garante que a lei seja colocada em prática.

As políticas educacionais são decisões e ações estatais de caráter educacional, visando atender as necessidades e interesses da sociedade. As políticas públicas para a educação ou políticas educacionais são expressas na legislação educacional.

Alguns dos assuntos abordados nos capítulos foram: reforma do ensino médio, escola de tempo integral, financiamento da educação, diversidade, gestão, entre outros. Os assuntos foram implementados a partir de programas e projetos, para elevar a qualidade do ensino, da aprendizagem, e em alguns casos, da empregabilidade de jovens e adultos.

Nesse sentido, as políticas públicas para a educação têm um papel importante, pois elas emanam das necessidades da sociedade e são colocadas em prática através de ações, que tem por finalidade melhorar a educação e diminuir as desigualdades sociais em todo o Brasil.

**Marcia Aparecida Alferes**

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DISPUTAS POLÍTICAS NA EDUCAÇÃO: QUE FORÇA PREVALECE?	
<i>Sarah Nobrega</i>	
<i>Sandra Regina Bernardes de Oliveira Rosa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9701819121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
EDUCAÇÃO SOCIAL NO DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO E A ESCOLA EM TEMPO INTEGRAL	
<i>Irândi Pereira</i>	
<i>Helena Neves de Almeida</i>	
<i>Claudio Oliveira Fernandes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9701819122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
EDUCAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO: REFLEXÕES DISCENTES SOBRE ENSINO PROFISSIONALIZANTE NO INTERIOR DO CEARÁ	
<i>Miqueias Miranda Vieira</i>	
<i>Mykaelly Morais Vieira</i>	
<i>Isabelle Marques Barbosa</i>	
<i>Carlos Henrique Lopes Pinheiro</i>	
<i>Francisco Walef Santos Feitosa</i>	
<i>Antonia Everlania Felix Araujo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9701819123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E NEOLIBERALISMO: INDISTINÇÃO CRESCENTE ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO NO BRASIL	
<i>Juvenildo Soares Nascimento</i>	
<i>Lucas Lourenço Silva</i>	
<i>Maria Esperança Fernandes Carneiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9701819124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
IMPLICAÇÕES DA REFORMA TRABALHISTA PARA O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: O CASO DO SALÁRIO-EDUCAÇÃO	
<i>Bartolomeu José Ribeiro de Sousa</i>	
<i>Rosimar de Fátima Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9701819125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
INDICADORES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO: ANÁLISE DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO INDICADOR DE ESFORÇO DOCENTE	
<i>Danielle Xabregas Pamplona Nogueira</i>	
<i>Jeferson Guedes da Silva</i>	
<i>Girlene Ribeiro de Jesus</i>	
<i>Catarina de Almeida Santos</i>	
<i>Francisco Augusto da Costa Garcia</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9701819126</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
O CONTEXTO ESCOLAR DO ALUNO TRANSEXUAL	
<i>Mariana Coimbra Ziotti</i>	
<i>Manoel Antônio dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9701819127</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>81</b>
O CONTROLE SOCIAL DA EDUCAÇÃO PÚBLICA: UM ESTUDO DO FUNCIONAMENTO DA CÂMARA DO FUNDEB INTEGRADA AO CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ALTA FLORESTA, MATO GROSSO	
<i>Eduardo José Freire</i>	
<i>Aparecida Garcia Pacheco Gabriel</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9701819128</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>93</b>
O DESAFIO DA IMPLANTAÇÃO DO MODELO IEMA DE EDUCAÇÃO: RESULTADOS PARCIAIS SOBRE INCLUSÃO SOCIAL, EVASÃO ESCOLAR E REPETÊNCIA	
<i>Levy Lisboa Neto</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9701819129</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>96</b>
ONDE ANCORAR AS AULAS DE PSICOLOGIA PARA O ENSINO TÉCNICO?	
<i>Sonia Moreira Sarmiento Ribeiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97018191210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>100</b>
OS MARCOS HISTÓRICOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA NO CONTEXTO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Andrieli Taís Hahn Rodrigues</i>	
<i>Rúbia Emmel</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97018191211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>111</b>
POLÍTICA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O DISCURSO DAS INSTITUIÇÕES	
<i>Raimunda Maria da Cunha Ribeiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97018191212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>126</b>
POLÍTICA DE PERMANÊNCIA E INCLUSÃO ACADÊMICA COMO POLÍTICA AFIRMATIVA DE JOVENS DE BAIXA RENDA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ	
<i>Raimundo Afonso Cardoso Delgado</i>	
<i>Keila Roberta Cavalheiro Guimarães</i>	
<i>Juliane Andrade de Sousa</i>	
<i>Evely Cristina Lima da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97018191213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>143</b>
POLÍTICA E GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONTRIBUIÇÕES DO OBSERVATÓRIO DO PNE NO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE BACIA DO RIO GRANDE/BA	
<i>Marilde Queiroz Guedes</i>	
<i>Nilza da Silva Martins</i>	
<i>Emília Karla de Araújo Amaral</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97018191214</b>	

**CAPÍTULO 15..... 154**

POLÍTICAS E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CURITIBA (1986-1989)

*Alboni Marisa Dedeque Pianovski Vieira*

**DOI 10.22533/at.ed.97018191215**

**CAPÍTULO 16..... 161**

POLÍTICAS INDUTORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: UM OLHAR SOBRE O PROGRAMA PROINFÂNCIA

*Víviám Carvalho de Araújo*

*Núbia Schaper Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.97018191216**

**CAPÍTULO 17 ..... 173**

POLÍTICAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA ARTICULADAS À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL (2000-2015)

*Juliane Kelly de Figueiredo Freitas*

*Josanilda Mafra Rocha*

*Lenina Lopes Soares Silva*

**DOI 10.22533/at.ed.97018191217**

**CAPÍTULO 18..... 184**

POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO: TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO

*Tatiana Das Mercês*

*Michele Pazolini*

**DOI 10.22533/at.ed.97018191218**

**CAPÍTULO 19 ..... 198**

POLÍTICAS SURDAS: ANÁLISE DOCUMENTAL E REFLEXÕES SOBRE AS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS VOLTADAS À EDUCAÇÃO DOS SURDOS

*Cristina Almeida da Silva*

*Márcia Häfele Islabão Franco*

*Fábio Yoshimitsu Okuyama*

*Josiane Carolina Soares Ramos do Amaral*

**DOI 10.22533/at.ed.97018191219**

**CAPÍTULO 20 ..... 208**

PROJETOS E PROGRAMAS DE IMPLANTAÇÃO DA INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: DE 1980 A 2010

*Eleuzzy Moni do Carmo Jesus*

*Rosemara Perpetua Lopes*

**DOI 10.22533/at.ed.97018191220**

**CAPÍTULO 21..... 218**

QUAL O PADRÃO DE QUALIDADE PARA A EDUCAÇÃO, À LUZ DOS FINS E OBJETIVOS DA ESCOLA E DA GESTÃO DEMOCRÁTICA?

*Mario Ruela Filho*

**DOI 10.22533/at.ed.97018191221**

**CAPÍTULO 22 ..... 234**

QUALIDADE DO ENSINO: UMA LEITURA A PARTIR DAS AÇÕES ESTRATÉGICAS DO PDE ESCOLA

*Zenilda Maria de Sousa Paniago*

*Maria Cecília Lorea Leite*

**DOI 10.22533/at.ed.97018191222**

**CAPÍTULO 23 ..... 243**

RELAÇÃO PÚBLICO-PRIVADA NA EDUCAÇÃO: O PAPEL DOS CONSELHOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO E DOS COLEGIADOS DE SECRETÁRIOS DE EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE PARCERIAS EM MUNICÍPIOS DO OESTE DE SANTA CATARINA (BRASIL)

*Liane Vizzotto*

*Berenice Corsetti*

**DOI 10.22533/at.ed.97018191223**

**CAPÍTULO 24 ..... 251**

TEMAS TRANSVERSAIS, INTERDISCIPLINARIDADE E INCLUSÃO DO SUJEITO QUEER NO CURRÍCULO ESCOLAR

*José Ariosvaldo Alixandrino*

*Luciane Silva de Souza Carneiro*

**DOI 10.22533/at.ed.97018191224**

**SOBRE A ORGANIZADORA ..... 260**



## O CONTEXTO ESCOLAR DO ALUNO TRANSEXUAL

### **Mariana Coimbra Ziotti**

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de  
Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Ribeirão Preto - SP

### **Manoel Antônio dos Santos**

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de  
Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Ribeirão Preto - SP

**RESUMO:** A transexualidade é um tema negligenciado na escola. Estudantes trans são frequentemente expostos a situações constrangedoras, que muitas vezes ocasionam a interrupção do processo de escolarização. Este estudo de caso tem por objetivo investigar como a emergência da transexualidade é vivenciada nas relações estabelecidas por um aluno transexual com professores e colegas. Participaram um aluno que estava cursando o ensino médio e que se autoidentificou como transexual, duas colegas próximas, da mesma sala de aula, indicadas pelo próprio aluno, e uma professora, que fazia parte de seu contexto escolar. Os dados foram coletados por meio de roteiros de entrevista semiestruturada. Os encontros foram realizados individualmente, em situação face a face, em ambiente de escolha dos participantes. As entrevistas foram audiogravadas e, em seguida, o conteúdo foi transcrito literalmente e na íntegra. Os resultados mostram que a falta de preparação

dos professores contribui para aumentar as barreiras encontradas pelo jovem trans em sua trajetória escolar, especialmente na etapa em que está transicionando o gênero. Os dados contribuem para fomentar o estabelecimento de políticas públicas de combate à transfobia na escola e encorajar a criação de programas educativos que permitam que a comunidade escolar seja sensibilizada para a questão da transexualidade, de modo a empoderar alunos(as) e professores(as) para se posicionarem criticamente frente às diversas manifestações de assédio, intolerância, preconceito e discriminação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transexualidade. Escola. Diversidade sexual e de gênero.

**ABSTRACT:** Transsexuality is a neglected theme at school. Transsexual students are often exposed to embarrassing situations, which often lead to disruption of the schooling process. This case study aims to investigate how the emergence of transsexuality is experienced in the relationships established by a transsexual student with teachers and colleagues. A student in high school and self-identified as a transsexual, two close colleagues from the same classroom, indicated by the student himself, and a teacher, who was part of their school context, were the participants. Data were collected through a semi-structured interview scripts. The meetings were

held individually, in a face-to-face situation, in the context of the participants' choice. The interviews were audio-taped and then the content was transcribed literally and in full. The results show that the teachers' lack of preparation contributes to increase the barriers encountered by trans young people in their school career, especially at the stage when they are transitioning the gender. The data contributes to promoting the establishment of public policies to fight transphobia in school and encourage the creation of educational programs that allow the school community to be sensitized to the issue of transsexuality in order to empower students and teachers to position themselves critically against the various manifestations of harassment, intolerance, prejudice and discrimination.

**KEYWORDS:** Transsexuality. School. Sexual and gender diversity.

## 1 | INTRODUÇÃO

A transexualidade é um fenômeno que vem ganhando visibilidade nos últimos anos, mas que ainda é pouco investigada no contexto escolar. A transexualidade remete à questão do corpo generificado e implica em diferentes possibilidades de expressão do gênero e da sexualidade humana. Não se restringe a uma posição do indivíduo enquanto ser sexuado, como entende o senso comum, mas diz respeito sobretudo à questão da identidade de gênero. Nesse sentido, a transexualidade tem sido definida como um estado psíquico, uma vez que está relacionada à subjetividade e à identidade, o que explica a constante busca das pessoas trans de harmonizarem sua vivência psíquica com as normas estabelecidas socialmente (BRUNS; PINTO, 2003).

Segundo Russel (2011), quando uma criança nasce os discursos sociais e familiares dirigem-se à preparação do seu corpo para que ela desempenhe com êxito o gênero que lhe está designado antes mesmo de seu nascimento. O gênero é construído de forma binária e o mundo infantil é estabelecido sobre uma base de proibições e prescrições que são, inicialmente, transmitidas à criança pelas figuras parentais.

Os padrões de gênero geram uma hierarquia de prestígio e engendram situações de exclusão e marginalização das manifestações dissidentes. Os regimes de verdades estipulam que determinadas expressões relacionadas com o gênero são falsas e indesejáveis, enquanto outras seriam verdadeiras e originais. Essa concepção dominante, metaforicamente falando, condena a uma morte em vida os sujeitos que não se ajustam às idealizações e expectativas sociais (BENTO, 2011). Esses indivíduos passam a ser estigmatizados, na medida em que são vistos como desajustados, e tendem a ser marginalizados, segregados, isolados do meio social e exilados em si mesmos.

No espaço escolar, a educação sexual tem se tornado um tema controverso nos últimos anos, na medida em que cresceu a onda neoconservadora que varre o país na

atualidade. Olhando pela perspectiva dos professores, o medo da exposição pessoal e o domínio de um discurso de suposta tolerância fizeram com que a neutralidade e a objetividade se tornassem os valores predominantes, tornando-se a atitude padrão (BRETAS; JARDIM, 2006). Lave e Wenger (1991) referem que o aprendizado em educação sexual não deve ser visto como a simples transmissão de informações, mas como um processo de construção do conhecimento e valores na comunidade. Sem uma preparação adequada, os professores tendem a reduzir a sexualidade às suas dimensões biológicas, a fim de criar um terreno seguro no qual possam se sentir menos desconfortáveis ao tocarem em um assunto ainda percebido como sensível e delicado (CARVALHO; SILVA, 2005).

A presença de alunos e alunas trans, homossexuais e bissexuais ainda gera intenso desconforto no âmbito escolar. Mas, sobretudo, a transexualidade é o grande assunto-tabu, que frequentemente é omitido por produzir incômodo e desconcerto generalizado. Quando um (a) aluno (a) manifesta dúvidas a respeito de sua conformidade ao gênero que lhe é socialmente imposto ou, principalmente, quando está começando a vivenciar a transição de gênero (etapa anterior ao processo transgenitalizador), essa experiência pode se tornar insuportável. Com seus corpos já transformados ou em vias de transformação, a instituição não vê esperança de retorno à norma cisgênera e heterossexual, o que suscita reações que tendem a estigmatizar os indivíduos cujo gênero não está em conformidade com as expectativas, podendo intensificar os processos de segregação e exclusão. Isso frequentemente contribui para a evasão escolar desses (as) alunos (as) (CÉSAR, 2009).

No contexto educacional, o termo *bullying* tem sido utilizado para nomear a violência sofrida por alunos (as) no ambiente escolar quando existe um desequilíbrio de forças entre agressor e vítima. Atualmente, o termo *bullying homofóbico* tem sido utilizado para nomear especificamente a violência sofrida por alunas (os) *gays*, *lésbicas*, *bissexuais*, *travestis* e *transexuais*. No entanto, atualmente se recomenda o uso do termo *transfobia* e, por conseguinte, *bullying transfóbico* como a denominação mais apropriada para se referir às situações de violência a que as pessoas trans são submetidas diariamente. As inúmeras manifestações de exclusão suscitadas fazem com que o tema da diversidade sexual e de gênero necessite ser imediatamente incluído no currículo de formação de novas professoras e professores, para que possam futuramente implementar nas escolas estratégias de resistência crítica ao currículo reforçador da hegemonia cisgênera e heteronormativa (DINIS, 2011).

Tendo em vista tais considerações, este estudo de caso teve por objetivo investigar como a emergência da transexualidade é vivenciada nas relações estabelecidas por um aluno transexual com professores e colegas.

## 2 | MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, desenvolvido de acordo com os pressupostos da abordagem qualitativa de pesquisa. A estratégia metodológica adotada foi o estudo de caso individual. Esse delineamento de pesquisa foi privilegiado por possibilitar uma investigação aprofundada do objeto focalizado, sem pretensão de generalização dos resultados (ALVES-MAZZOTI, 2006).

Em relação aos critérios de inclusão, foram convidados a participar do estudo um aluno (informante-chave) que se autodeclarava transexual e que estava cursando o ensino médio, duas colegas próximas, da mesma sala de aula, escolhidas por indicação do próprio aluno transexual, e uma professora, dentre aquelas pessoas que foram identificadas como parte da rede pessoal significativa do aluno transexual e que tinham proeminência em seu contexto escolar.

O convite aos participantes foi efetivado por meio da rede de contatos sociais. No contato com os (as) potenciais participantes a pesquisadora apresentou o objetivo do projeto e explicou os termos de participação, convidando-os (as) a colaborarem voluntariamente com a pesquisa. Foram agendadas entrevistas individuais em situação face a face, na qual cada participante leu e firmou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foram aplicados diferentes roteiros de entrevista semiestruturados, que investigavam aspectos que poderiam elucidar o objetivo do estudo. Para discutir os dados obtidos foi utilizada a literatura disponível sobre gênero, incluindo artigos derivados de estudos empíricos e teóricos. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição a que os pesquisadores estão vinculados. O estudo seguiu as recomendações da Resolução nº 466/2012.

## 3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi solicitado que os (as) participantes escolhessem um nome fictício com o qual gostariam de ser referidos na pesquisa. O nome sugerido pelo aluno transexual foi *Caçador*. Interessante observar que, a despeito de estar transicionando do gênero masculino para o feminino, o tempo todo o entrevistado referiu-se a si mesmo no masculino. O codinome Caçador foi justificado como se referindo a sua constante busca de uma identidade que lhe seja confortável e que lhe permita usufruir de alguma estabilidade, tranquilidade e paz de espírito.

A entrevista com o informante-chave envolveu questões relacionadas à sua identidade de gênero, orientação sexual, vida afetiva, relação com os familiares e amigos, contexto escolar e planos futuros. Em relação à identidade de gênero, o participante demonstrou estar em constante busca de uma definição, mas em alguns momentos afirmou ser trans. Como já mencionado por Bruns e Pinto (2003), a transexualidade é a noção de passagem de uma identificação de gênero baseada



no sexo atribuído ao nascimento para o gênero oposto. Remete ainda às questões do corpo ou da expressão de uma possibilidade de ser humano, sendo, portanto, um estado psíquico, uma vez que está relacionada à identidade, delimitando uma obstinada busca da pessoa *trans* para harmonizar sua vivência psíquica com as normas estabelecidas socialmente.

Os relatos obtidos permitiram compreender a visão das colegas e da professora a respeito do conceito de transexualidade.

“Pra te falar a verdade, eu não entendo muito sobre o assunto. [...] Eu tenho um amigo que possivelmente é, mas como ele mesmo sempre me fala, isso é um assunto que a sociedade não aceita, a sociedade não deixa a gente meio que saber sobre esse assunto” (Colega 2, 19 anos).

“É um assunto bem polêmico, né? Esse tipo de transexualidade, no meu ponto de vista às vezes parece um pouco de moda, né? Então, aí... Eu já tive vários alunos aqui, que não eram e, de repente, né, eles chegam e falam: ‘Ai, professora, eu mudei de opção sexual, o que a senhora acha?’ [...] Eles não sabem exatamente o que eles querem, então, para mim, a transexualidade é isso, né, o menino se vê no corpo errado, né, então ele tem... Ele não se encaixa naquilo e isso incomoda” (Professora, 43 anos).

A falta de segurança em relação à definição e conceito de transexualidade se estende para o modo como se deve abordar a temática no contexto escolar. A falta de um conhecimento sistematizado também parece ter influenciado a indicação de um número limitado de participantes da categoria professores. O aluno trans indicou apenas três professores, que foram abordados pela pesquisadora e reiteradamente convidados, alguns mais de uma vez porque protelaram a resposta, porém apenas uma confirmou sua disponibilidade e aceitou contribuir com o estudo. Segundo essa professora, o medo da exposição seria o principal motivo da recusa dos demais colegas de colaborarem com a pesquisadora. Segundo ela, seus colegas de trabalho preferem não tratar de assuntos relacionados a gênero e sexualidade por questões pessoais, convicções religiosas e também pela total falta de informação e conhecimento a respeito do assunto.

Devido à falta de informações consistentes sobre a gravidade do *bullying* homo/transfóbico, os professores não intervinham nessas ocasiões:

“[Como que eles te chamavam?] *De viado, gay, gayzinho, viadinho*. [Já chegaram a te agredir?] *Tenho muito medo, esse é o meu medo. Assim, a gente se sente impotente, né, sente que a gente é um lixo*. [...] *Sabe, é complicado*” (Caçador, 18 anos).

As colegas relataram que, diante dos frequentes ataques sofridos, elas defendiam Caçador, porém a professora afirmou que ele se conformava com as ofensas e por isso ela não interferia. “*Na sala dele tinha um pouco de bullying sim, a gente percebia, pelo menos na cabecinha dele, ele reclamava, mas se conformava, aparentemente. A gente não via, assim, nenhuma gravidade... Os meninos, assim, às vezes brincavam*” (Professora, 43 anos).

Nota-se neste excerto de fala que a professora tenta minimizar a gravidade dos abusos motivados pela transfobia. Segundo Dinis (2011), omitir-se e ignorar a gravidade dos agravos significa pactuar com a violência exercida contra estudantes *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. De modo geral, o professor é visto como modelo a ser seguido por seus alunos. Ao ignorar uma situação de discriminação estará indiretamente colaborando com a perpetuação dessa violência que, entre outras consequências deletérias, pode promover o afastamento definitivo do aluno do ambiente escolar. Em consequência dos prejuízos no processo de escolarização, a pessoa trans perde a oportunidade de se qualificar profissionalmente e, no futuro, poderá enfrentar sérias dificuldades de inserção no mercado de trabalho.

As violências cometidas contra alunos e alunas transexuais tendem a ser persistentes e progressivas. Quase nunca são atos episódicos ou esporádicos. No caso do participante do presente estudo, a exposição continuada aos gracejos, piadas, “zoaças” e toda sorte de ofensas, insultos, humilhações e comentários pejorativos fez com que ele repetisse de ano por duas vezes e, finalmente, resultou em seu afastamento definitivo do ambiente escolar. Esse desfecho indesejável foi interpretado pela cúpula dirigente da escola como *mais um caso de “evasão escolar”*, motivado pelo fato de o aluno ter tido um grande número de faltas e por não suportar as situações de *bullying* a que estava continuamente submetido. Assim, nas estatísticas escolares o acontecido com este aluno – que agora é um “ex-estudante” – aparece mascarado nas estatísticas como mais um caso de desistência escolar. O lado mais perverso dessa história é que paira sobre o aluno a pecha de “desistente”, “fraco” e “não resiliente”. A instituição escolar se omite de sua responsabilidade de se posicionar criticamente diante da violação sofrida diuturnamente pelo aluno e, como se não bastasse, ainda o culpabiliza por ter se evadido.

Assim, a escola omite sua própria negligência. Como de hábito, os agentes educativos (professores, diretores, coordenadores pedagógicos) renunciam à sua função social e se posicionam como incapazes de lidar com as questões de gênero e orientação sexual dissidentes. Ao se observarem os casos em que os(as) alunos(as) abandonam o processo de educação formal por não tolerarem conviver com colegas abusadores e com professores e diretores omissos, que na prática cotidiana abdicam de seu papel de educadores, torna-se profundamente desconfortável ouvir que se trata apenas de “evasão”.

Na verdade, há um desejo não assumido de excluir e eliminar aqueles que, ao sustentarem sua diferença, são percebidos como seres que destoam perigosamente da normalidade e, como tais, devem ser afastados do convívio dos demais porque podem “contaminar” o espaço escolar. Sendo assim, há uma espécie de inversão perversa na qual a vítima é colocada como potencialmente perigosa ao convívio social. O argumento de que foi o aluno transexual que não suportou a pressão dos colegas é utilizado para justificar o que de fato ocorre, que é um processo sutil de exclusão e expulsão da escola, e não evasão propriamente dita (BENTO, 2008).

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo de caso, no qual foram articuladas diversas vozes de protagonistas do espaço escolar, conclui-se que a escola não está preparada para receber alunos (as) transexuais, o que resulta em atitudes e comportamentos que refletem a intolerância, os preconceitos e até mesmo a discriminação por parte de professores e colegas. Os preconceitos disseminados são potencializados pela falta de informações consistentes, o que leva a vítima – no caso em questão, o aluno transexual – a desistir dos estudos e abandonar a escola antes de completar o ensino médio.

Os resultados do presente estudo mostram claramente que, na perspectiva do aluno transexual, não se trata de “desistir dos estudos”, mas deixar de frequentar a escola, de modo a evitar o contato com um ambiente transfóbico, no qual se está sujeito a críticas de teor moralizante e juízos de valor relacionados à heteronormatividade e aos estereótipos de gênero. Portanto, é necessário fortalecer políticas públicas de combate à homotransfobia no ambiente escolar, por meio da criação de programas educativos que permitam que a comunidade escolar se posicione de maneira firme frente aos diversos tipos de assédio que ali têm lugar, cumprindo plenamente sua função educadora.

Como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) enfatizam, os professores precisam ser apoiados por meio de palestras, seminários, *workshops*, discussões em grupo, leituras e supervisão com profissionais qualificados em educação sexual. Essas atividades facilitam um contato mais reflexivo com suas próprias questões e possibilitam compreender melhor seus próprios valores e limites, podendo ajudá-los a desenvolver a atitude ética frente à diversidade de gênero (NETO; SILVA, 2006).

## REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 637-651, 2006.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Revista **Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 548-559, 2011.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRETAS, Jr da S; JARDIM, Dulcilene Pereira. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 59, n. 2, p.157-162, 2006.

BRUNS, Maria Alves de Toledo; PINTO, Maria Jaqueline Coelho. **Vivência transexual: o corpo desvela seu drama**. Campinas, SP: Átomo, 2003.

CARVALHO, Washington Luiz Pacheco; SILVA, Mirian Pacheco. O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivência das professoras. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 11, n. 1, p. 73-82, 2005.

CÉSAR, Maria Rita. Gênero, sexualidade e educação: Notas para uma “epistemologia”. **Educar em Revista**, n. 35, p. 37-51, 2009.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, n. 39, p. 39-50, 2011.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning: Legitimate peripheral participation**. Cambridge University Press, 1991.

NETO, Jorge; SILVA, Regina Célia Pinheiro. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-97-0



9 788585 107970